



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE KEHINDE E RAMI: UMA
ANÁLISE DA OBRA DE ANA M. GONÇALVES E P. CHIZIANE.**

**Aparecida Gomes Oliveira
Lídia Maria Nazaré Alves
Rhanielly Gomes Oliveira**

Resumo

O artigo propõe uma análise da construção da identidade das personagens protagonistas Kehinde, da obra “Um defeito de cor” de Ana Maria Gonçalves e Rami, da obra “Niketché” de Paulina Chiziane. Busca-se identificar quais fatores ideológicos e contraideológicos influenciaram a formação de suas identidades. A pesquisa é de cunho bibliográfico, iluminada por teóricos que dissertaram sobre o tema. Conclui-se que vários foram os fatores que influenciaram e determinaram a formação de suas identidades.

Palavras-chave: identidade- mulher negra –alteridade.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Referencial teórico

Spivak (1994) diz não ser historiadora, mas se preocupa em compreender como as narrativas históricas são negociadas. Ela começa explicando que a descolonização da Índia foi legitimada e consolidada “por meio da cultura do imperialismo, nacionalismo, internacionalismo, secularismo, culturalismo” (Op cit. p. 188). Estes códigos têm o poder de promover e oferecer privilégios àqueles que os utilizam, ao mesmo tempo em que privilegia, pode também mascarar o sujeito. Refletir sobre a leitura desse sujeito é ir além de sua máscara para sair do superficial e conhecer a verdadeira história.

As ideias de Cândido (1999) corroboram com as de Spivak, pois ele afirma que a literatura faz um vínculo entre fantasia e realidade, este pode servir de entrada para se pensar a função da literatura e acrescenta “Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar” (CANDIDO 1999, p. 83, 84). Ou seja, a forma como as narrativas históricas são construídas e transmitidas influenciam na formação da identidade daqueles que lhe são alvos.

Alves (2009) concorda com Spivak e Cândido ao falar sobre o poder que a palavra exerce na construção das identidades sociais. A autora aborda a relação colonizador/colonizado, na qual o colonizado sofreu uma dupla transgressão, foi lhe imposto uma nova língua e junto com ela, uma nova cultura que menospreza e diminui sua origem. Esse processo foi legitimado por meio da palavra, do ensino, da evangelização dos povos conquistados. Como consequência o povo colonizado perdeu sua identidade, mas não adquiriu uma nova, na verdade tornou-se errante no mundo, alguém que não possui espaço na sociedade. Alves reflete sobre o poder de persuasão da palavra, utilizada pelo colonizador para dominar o colonizado.

O status da mercadoria é produzido pela arte persuasiva, a da palavra principalmente. A literatura é arte da palavra. Sendo ela um espaço que viabiliza uma reflexão mais



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

acurada sobre o modo como o mundo é organizado, deve iluminar o processo de modernização com os seus aspectos mais variados, positivos e negativos para o homem. (ALVES, 2009, p. 221)

Os países que foram colonizados como o Brasil, Índia, dentre outros, carregam o estigma de terem suas identidades sobrepujadas e enfrentam os mesmo desafios: construir uma nova identidade, uma nova história. Eles vivenciam o processo de descolonização e neste processo encontram-se as classes marginalizadas. Dentre elas está o negro, que ao ser escravizado, teve sua cultura eliminada e vive a busca por sua alteridade, uma identidade que lhe dê sentimento de pertença à sociedade a qual habitam.

Hall (2003) chama a atenção para três fatores que devem ser observados ao olharmos para a cultura negra: o estilo, a diáspora que fez do negro um ser deslocado de um mundo logocêntrico e o corpo como seu único capital cultural. Não importa a forma como o negro e suas tradições são representados na cultura popular, é preciso reconhecer que

[...] Em sua expressividade, sua musicalidade, [...] a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular mainstream, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação. (HALL, 2003, p. 342)

O autor questiona se o momento atual é propício para as estratégias das novas intervenções apontando suas fragilidades, as estratégias criativas e críticas que dele surgem. Uma das fragilidades apontadas é a de que o momento atual faz uma distinção do negro, ou ele é uma coisa ou outra. No lugar do “ou”, o autor sugere um “e”. Não se pode alimentar esta oposição. O negro pode ser negro e mais o que ele quiser ser, não se pode reduzi-lo às suas características genéticas. Outra fragilidade reside no fato de que o momento em questão torna natural e “des-historiciza a diferença”. Tira-se o significante “negro” de seu sentido histórico, cultural e político e o reduz à genética biológica, tira-se o foco do



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

essencial para algo banal que não gera transformação social. Hall alerta para o fato de que se deve priorizar a diversidade e não a homogeneidade da experiência negra, reconhecendo outros tipos de diferença que “localizam, situam e posicionam o povo negro” (HALL, 2003, p. 346).

Cândido (1999, p. 90) complementa dizendo que a literatura em sua função social, ao mesmo tempo em que humaniza o leitor pode também ser alienadora, dependendo do autor e sua obra.

Spivak (1994) aposta na reescrita da história e chama atenção para o fato de que sua condição pós-colonial lhe permite enxergar a reivindicação por alteridade presente na subjetividade das histórias alternativas. Um olhar para estas narrativas fará com que as brechas deixadas pelas ideologias europeias apareçam e aqueles que foram colocados em condição de invisibilidade social, apareçam.

Kehinde e as influências culturais que marcaram sua identidade

Kehinde nasceu na África, aos sete anos foi capturada, trazida para o Brasil e vendida como escrava por mercadores da Bahia. Os africanos ao descerem em solo brasileiro passavam por um ritual de purificação, no qual eram batizados, recebiam um novo nome e eram obrigados a aprenderem a língua do colonizador.

O nome cristão recebido por ela foi o de Luísa Gama. Na fazenda para onde é levada torna-se escrava de companhia da sinhazinha e aproveita para ser alfabetizada junto com a menina, as duas constroem uma amizade que perdura por toda a vida. Após ser alfabetizada a sinhazinha é levada para um colégio interno e Kehinde torna-se escrava doméstica. Aos doze anos é estuprada pelo seu dono e engravida de seu primeiro filho, a quem chama de Banjokô, que significa “[...] Sente-se e fique comigo” (UDC, 2012, p.19). Segundo a crença de Kehinde, seu filho era um abiku, criança destinada a morrer antes de completar sete anos.

Com a morte de seu dono, Kehinde vai com a Sinhá para a Bahia, junto com outros escravos da casa grande. É na capital que ela conhece o significado



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

da palavra liberdade ao estar em contato com negros da tribo malês que fazem uma conspiração na Bahia, que mais tarde fica conhecida como a Revolta dos Malês. Kehinde decide lutar pela sua liberdade e a de seu filho.

Ao ser alugada para uma família de ingleses ela se apropria de uma nova cultura, aprende a língua e a culinária inglesa, que mais tarde tornou-se sua forma de sobrevivência.

[...] Foi naquela casa (dos ingleses) que fiquei sabendo que não havia mais escravos nem em Inglaterra nem nos seus domínios, que todas as pessoas eram livres para morar e trabalhar onde quisessem, recebendo dinheiro. (UDC, 2012, p. 220)

Após sair da casa dos ingleses Kehinde tornou-se escrava de ganho, tendo que trabalhar para sobreviver e pagar certa quantia mensal à sua dona. Ela resolve comercializar cookies, ganha dinheiro suficiente para pagar à sinhá e vai criando uma microempresa dando emprego para seus amigos. Ao manifestar o desejo de comprar sua liberdade, sinhá manda avaliá-la:

[...] Olhei o papel e nem tentei fingir que não sabia ler, pois lá estava escrito com todas as letras o valor de uma escrava de dezoito anos, criada de dentro, com excelente saúde, falando português e inglês, sabendo ler, escrever e comerciar muito bem, capaz de ter ganho próprio de mais de dez mil réis por mês, e do seu filho de seis anos, criado como se fosse da casa, de excelentes maneiras e muito inteligente, bem-educado e que sabia tocar piano. (UDC, 2012, p. 338, 339)

O valor de Kehinde estava muito acima do mercado, ela valia uma verdadeira fortuna. Comprar sua liberdade tornou-se inviável. Ela então faz um



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

plano com a ajuda de seus amigos que culmina na sua carta de alforria, do filho e dos outros escravos. Ela leva todos para trabalharem e viverem com ela.

Kehinde conhece um português de nome Alberto e vive com ele uma história de amor. Os dois têm um filho, o qual recebe o nome de Luís. Este não era abiku, como o primeiro que morreu antes de completar sete anos de idade.

Surge um decreto determinando que os portugueses que não fossem casados com brasileiras fossem deportados para Portugal. Alberto abandona Kehinde, pois ela é africana, e casa-se com uma brasileira, que mais tarde lhe toma tudo, inclusive a padaria que era de Kehinde, mas estava no nome de Alberto.

Kehinde não se deixa esmorecer, participa da revolta do malês e acaba tendo que fugir da Bahia para não ser presa. Alberto, num momento de fraqueza, vende o filho para se livrar de uma dívida. Quando ela volta e descobre o que ele fez, passa a sua vida à procura do filho, mas não consegue encontrá-lo. Aos 37 anos decide voltar para África.

Em África Kehinde descobre que não é mais africana, e sim, brasileira.

[...] Eu também pensava assim, estava do lado dos brasileiros, [...] achava que o certo não era a inimizade, não era desprezarmos os africanos por eles serem mais atrasados, mas sim ajudá-los a ficar como nós. [...] gente que no Brasil, provavelmente tinha orgulho de não se submeter à religião católica e fazia questão de conversar em línguas da África, como forma de dizer que não tinha se submetido aos brancos, mas que, de volta á terra, negava seus costumes. (UDC, 2012, p. 757)

Ela vive um romance com John, com quem tem dois filhos gêmeos e lhes coloca nomes brasileiros, João e Maria Clara. “[...] isso contradizia o que pensava antes [...] um nome brasileiro seria muito mais valioso para meus filhos” (UDC, 2012, p. 767) e os batiza na Igreja católica.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Aos oitenta anos, Kehinde encontra uma carta que dizia o paradeiro de seu filho Luís Gama. A alegria invade seu coração e ela decide viajar para o Brasil para reencontrar o filho e morrer em solo brasileiro. A história se encerra com a chegada do navio ao Brasil. Kehinde conclui:

Quanto a mim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria. E talvez, num último gesto de misericórdia, qualquer um desses deuses dos homens me permita subir ao convés para respirar os ares do Brasil e te abençoar pela última vez. (UDC, 2012, p. 947)

Rami e as múltiplas influências culturais na construção de sua alteridade

Rami é uma mulher de 40 anos, cristã, casada há 20 anos com Tony, mãe de cinco filhos. Seu marido era um homem influente, ocupava o cargo de comandante da polícia. Rami vivia em função do marido. Sua existência não tinha sentido sem o Tony. Ele era a sua identidade.

Devido às constantes ausências do marido, Rami torna-se uma mulher infeliz e decide lutar para salvar seu casamento. Ela resolve conhecer a segunda mulher. Julieta, que está grávida do sexto filho de Tony e lhe diz que já foi trocada por uma terceira. Luísa, que também fora trocada pela quarta. Saly, que lhe fez saber que Tony já estava com um novo amor, uma jovem de nome Mauá, uma menina ainda, na flor da juventude. Rami conclui:

[...] O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (NIKETCHE, 2004, p. 58)

Rami se utiliza de todas as estratégias para prender o seu marido, mas nada funciona. Então decide se unir às suas rivais e torna-se amiga delas.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Luísa convida Rami para o aniversário de seu filho e lá pede ao seu amante que fique com Rami, que, embriagada, entrega-se aos prazeres, mas depois se sente mal, adúltera. Luísa explica que em sua tribo, do norte, as mulheres compartilham um homem da mesma forma que um prato de comida. E que era justo emprestar o amante a Rami, já que há muito elas dividiam o marido. O desejo de Rami é maior que seus valores e ela aceita a proposta de Luísa.

Movida pela dor e pelo desejo de vingança, Rami prepara uma festa em comemoração aos cinquenta anos do Tony e convida a nata da sociedade. Após fazer um belo discurso, apresenta uma a uma as mulheres de Tony, com seus respectivos filhos, um total de dezessete com os dela.

Tony leva um choque. Uma a uma as famílias vão se retirando da festa, principalmente os homens, que como ele, faziam o mesmo e temiam que suas mulheres pudessem seguir o exemplo de Rami.

Rami autoriza às mulheres a virem à sua casa reivindicar suas necessidades, pois o Tony deveria cumprir com todas elas. Sua sogra a princípio lhe condena, depois diz que ela foi usada pelos deuses para unir a família. Ela quer todos os netos ao seu redor, sua família é o seu orgulho. Juntas, passam a defender a poligamia.

Tony acaba se casando com todas as mulheres e registrando todos os filhos. Faz uma escala semanal, na qual ele tem a obrigação de passar uma semana na casa de cada uma. Desta maneira elas o monitoram e usufruem de liberdade enquanto Tony se distrai com uma delas. Ele não aguenta a pressão, pois agora precisa assistir a todas as mulheres e filhos e culpa Rami pela bagunça que sua vida se tornou.

Rami explica a dificuldade de Tony em sustentar uma família tão grande e diz que elas precisam trabalhar. Ela descobre o talento de cada uma e provê o capital para que elas iniciem seus próprios negócios. Saly torna-se comerciante de cereais, Luísa, de roupas, Julieta, de bebidas, Mauá, cabeleireira. Todas prosperaram e aos poucos percebem que já não dependiam do Tony para sobreviverem.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A convivência com as mulheres do norte modifica as crenças e a identidade de Rami. As mulheres do norte são mais livres, enquanto as do sul, mais submissas, devido às influências europeias sofridas. Rami busca refúgio na mãe e descobre que é uma reprodutora desse sistema que a faz tão infeliz.

A mãe é triste. Rami também e suas filhas o serão também. Vejo a tristeza desta mulher à minha frente. Uma mulher triste como eu. Esta imagem de tristeza terão as minhas filhas, temos nós, mulheres de todas as gerações, de todo o universo. (NIKETCHE, 2004, p. 194)

Apesar das cinco esposas, Tony se encanta por uma jovem chamada Gaby e sem avisar viaja com ela em lua de mel. Enquanto ele está fora um homem é atropelado e a família o tem como sendo o Tony. Rami quer que a polícia faça o reconhecimento do corpo, mas a família alega pela tradição e não permite. Rami diz que o tal homem não é o Tony, mas ninguém a ouve, todos a culpam pela morte do marido. Seguindo a tradição, eles rapam sua cabeça, cortam seu corpo com navalha nos rituais de viuvez. Retiram todos os móveis e utensílios da casa, deixando-a sem nada, nem mesmo uma cama para dormir, ela e os filhos devem dormir no chão. Por ser a primeira esposa, apenas ela sofre os horrores da tradição.

Todos a condenam. Dentro de oito dias ela deve tornar-se esposa de um dos irmãos do Tony para cumprir a lei do levirato. Esta parte Rami estava desejando que acontecesse, queria dançar o Niketche para seu cunhado e futuro marido. Pois para ela “[...] Vale mais a pena ser amada por um minuto que desprezada a vida inteira” (NIKETCHE, 2004, p. 225). Niketche é uma dança sensual praticada pelas mulheres do norte na arte da conquista para enlouquecer os homens. As mulheres do sul a desconhecem. Assim que seu cunhado cumpre o levirato, Tony chega de viagem e encontra a casa vazia, os filhos presos num quarto vazio e Rami solitária, sentada ao chão. Ele leva um choque e pergunta o que houve.

[...]— Foi desumano o que fizeram contigo. Ah, cultura assassina! Ele entra em delírio. Diz que não sabia que a



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

vida era má, nem imaginava que as mulheres sofriam tanto. Sempre achava que a sociedade estava bem estruturada e que as tradições eram boas, mas só agora percebia a crueldade do sistema. (NIKETCHE, 2004, p. 229)

Tudo o que Rami quer é se vingar, para isso se utiliza das armas do próprio Tony, as mulheres. Aos poucos convence Luísa a aceitar o pedido de casamento de Vito, o amante que as duas dividiam. Tony nunca havia experimentado a sensação de rejeição e abandono. Luísa oferece a Rami o lugar de segunda esposa do Vito, pois ser segunda é só prazer e alegria e ela aceita.

Tony rejeita a sexta esposa que elas lhe oferecem e todas o abandonam. Julieta se casa com um português muito rico. Saly vai se casar com um padre italiano que abandonou a batina por sua causa. Mauá também já está vivendo outro amor.

Só fica Rami. Ele a abraça e pede socorro. Percebe que ela está grávida e lhe pergunta se o filho é dele. Para seu desespero Rami diz que o filho é do seu irmão. Tony enlouquece. Rami consegue realizar a tão desejada vingança.

Considerações finais

Percebe-se que tanto Kehinde quanto Rami tiveram suas identidades marcadas por ideologias europeias que se impuseram por meio do processo de colonização. Kehinde não sofreu muito com tais imposições porque sempre cultivou o sonho de liberdade, por estar sozinha em terra estrangeira teve que aprender a se virar, tirando proveito de tudo que aprendia em benefício próprio.

Kehinde tornou-se independente, guerreira, com tino para o comércio e construiu sua identidade a partir do conhecimento adquirido ao longo de suas vivências, teve maturidade e oportunidade para optar sobre quem e o que queria ser. Descobriu que o dinheiro lhe daria poder para conquistar o respeito da



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sociedade e o status de branco, tornou-se uma grande empresária e adotou a identidade brasileira e o título de sinhá Luísa Gama.

Rami já foi criada dentro de uma cultura que considerava a mulher um ser inferior e dependente do homem. As ideologias europeias nortearam sua vida até os 40 anos, quando ela descobre a hipocrisia da sociedade e se revolta. Sua vingança não é contra o seu marido apenas, mas contra um sistema que a oprimiu a vida inteira, não só a ela, mas a todas as mulheres.

Ambas são mulheres, africanas. Rami denuncia a crueldade de uma tradição que perdura por gerações e é reproduzida automaticamente, mas que não edifica e nem contribui para a construção da alteridade da mulher. Elas representam todas as mulheres, vítimas de culturas machistas, socialmente construídas com o fim de dominá-las. Ao proporcionar a emancipação das mulheres de Tony, Rami está promovendo a sua emancipação. Ao dar a elas a chance de escolherem outra vida, ela está mostrando a todas as mulheres que é possível desconstruir aquilo que nos prejudica e construir algo novo, a partir de nossas vivências. É possível um recomeço e uma transformação social que deve começar no interior de cada mulher.

Kehinde e Rami representam a nova versão da história da mulher negra. Uma versão na qual elas conquistam autonomia do ser, a liberdade de escolherem seus destinos e construírem sua alteridade a partir de suas escolhas, sem as imposições de uma cultura opressora.

Referências bibliográficas

ALVES, Lídia Maria Nazaré. **Clarice Lispector e Franz Kafka em cena: Não tomar seu santo nome em vão**. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras - UFF. Niterói – Rio de Janeiro. 2009. 234p. Site: www.dominiopublico.gov.br

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Número especial Antônio Cândido, Campinas. 1999. Disponível em:

Graduanda em letras-UEMG apagoliver@gmail.com. Doutora/professora - UEMG
lidianazare@hotmail.com. Advogada - Centro Universitário Estácio de Sá -
rhany.oliveira@hotmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007> acesso em 05/08/2016.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**/Paulina Chiziane. – São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 952 p.

HALL, Stuart. **Que negro é esse na cultura negra?** In: Da diáspora: Identidades e mediações culturais/Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Gaurdia Resende... [et al]. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. Humanitas. 2003, 434 p.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?** IN: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994. pp 187/205.